

Novas configurações espaço-temporais e processos de subjetivação em intervenções culturais na era digital¹

Ana Lúcia Barbosa Moraes²

José Enzo Soares dos Santos³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

RESUMO

O presente trabalho é resultado do projeto de pesquisa "Territórios, fronteiras e intervenções culturais: estudo sobre coletivos culturais no bairro da Ribeira em Natal". Verificou-se como os processos de subjetivação e as noções de espaço e tempo são ressignificados na experiência das intervenções culturais no bairro, a partir do uso das novas tecnologias virtuais. Foram realizadas entrevistas para compreender as diferentes visões quanto às ações culturais na Ribeira, assim como uma revisão bibliográfica de autores relevantes para o tema. Por fim, experimentamos as intervenções no Circuito Cultural da Ribeira em observação participante.

PALAVRAS-CHAVE: Intervenções Culturais, Ribeira, Nomadismo, Processo de subjetivação, Novas Tecnologias.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado do projeto de pesquisa "Territórios, fronteiras e intervenções culturais: estudo sobre coletivos culturais no bairro da Ribeira em Natal" que se desenrolou do ano de 2023 até 2024.

Observou-se que o nomadismo contemporâneo, impulsionado pelas tecnologias digitais, está redefinindo as relações espaço-temporais e suas implicações para os processos de subjetivação dos corpos. O agenciamento entre pessoas, a tecnologia e o espaço urbano nas atividades artísticas do centro histórico de Natal revela as novas possibilidades de se experienciar tais intervenções. É preciso buscar uma compreensão mais profunda das transformações em curso ocasionadas por essas novas tecnologias.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Comunicação, Tecnologia e Sociedade – GTNE09), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Professora Adjunta do Departamento de Comunicação da UFRN, email: ana.lucia.moraes@ufrn.br

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo do DECOM - UFRN, email: enzo.soares.706@ufrn.edu.br

NOMADISMO

Em seu "Tratado de Nomadologia: a Máquina de Guerra", Deleuze e Guattari definem o nomadismo como uma forma de estar no mundo que contesta as hierarquias, subvertendo as expectativas sociais.

Pudemos observar como esse nomadismo está presente nos deslocamentos e nas experiências socioculturais tal como vividas atualmente, na Ribeira, durante o Circuito Cultural da Ribeira, em 17 de Setembro, 22 de Outubro e 12 de Novembro de 2023.

A programação do evento contou com diferentes propostas artísticas e culturais: exposição fotográfica, apresentações de dança contemporânea e peças de teatro, shows ao vivo de artistas locais e nacionais, bateria da escola de samba Balanço do Morro, chorinho, samba e música eletrônica (*house, techno, trance*), ocupação imersiva e poética, sarau, mostra de cinema, dentre outras. Todas essas produções, ocuparam os espaços físicos em diferentes pontos do bairro da Ribeira.

Por meio das redes sociais como *Instagram* e *WhatsApp* conseguimos acompanhar tudo - ou quase tudo - que acontecia ao mesmo tempo dentro do evento. Nessa experiência percebemos como não existe uma linearidade ou itinerário definido dentro desse espaço. Pode-se, como fizemos, subjetivamente buscar aquilo que parece interessante e, assim, criar um percurso, cujos pontos não são pré-determinados, mas escolhidos segundo a instantaneidade das informações.

Igualmente, por meio dos *Stories*, função do *Instagram* que permite publicar rapidamente fotos e vídeos, podemos estar em um lugar sem necessariamente estar naquele espaço, tornando-nos observadores digitais e vivenciando o que ocorre fora do nosso próprio espaço através das telas de nossos *smartphones*. Decidimos também, por meio dessa observação, se vamos nos deslocar para tal espaço ou não; acompanhamos a programação para saber o que está acontecendo ou o que vai acontecer depois do evento. O espaço da Ribeira torna-se um espaço aberto, fluido, uma vez que a simultaneidade de experiências e os deslocamentos constantes não mais definem um espaço fechado.

Por fim, os trajetos de um ponto a outro não sendo mais pré-determinados, tendem a não se repetir. Os trajetos percorridos tendem a sumir na instantaneidade do deslocamento. Observamos, portanto, que as três características do nomadismo, como definidas por Deleuze e Guattari, podem ser verificadas na experiência do Circuito Cultural da Ribeira.

PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Quando falamos de produção de subjetividades, com Deleuze e Guattari, não podemos considerar a possibilidade de uma subjetividade anterior ao social. A produção da subjetividade não é algo dado, mas um processo complexo sempre em construção, sempre contínuo, como um devir. O processo de subjetivação sempre se dá dentro da configuração sócio histórica em que se situa. Observaremos, portanto, os processos de subjetivação a partir da nova relação dos corpos com o espaço no bairro da Ribeira na atualidade.

Vejamos, por exemplo, como a relação entre enunciado coletivo, ou comunicação, e produção, seriam a chave para entender toda atividade social e econômica. Esquemáticamente, a comunicação, o enunciado coletivo é produzido socialmente e também é produtor de relações sociais: nosso poder de comunicação está baseado na nossa linguagem compartilhada; o próprio ato de comunicação é conduzido no diálogo, ou seja, é polifônico, como definido por Bakhtin.

Esses atos de comunicação, que estão na base da formação dos processos de subjetivação são de uma infinita riqueza, que, obviamente, pode ser capitalizada pela mídia corporativa, pelo Estado, pelos poderes instituídos e mesmo pelas mídias sociais. A captura desses enunciados significaria tolher singularidades, capturar sujeitos em formatações prévias. Entretanto, o que vemos nos processos de subjetivação na Ribeira parece não tolher as singularidades, muito pelo contrário, parecem acolhê-las naquela polifonia de que fala Bakhtin. Não falaremos mais em termos de um sujeito dado a priori, mas em agenciamentos coletivos de enunciação e concerto polifônico de vozes. Ocorre um descentramento da questão do sujeito para a produção de subjetividades, como diria Guattari (Guattari, 1993).

Problematizar os processos de subjetivação nas manifestações culturais e artísticas atuais, em busca da afirmação de práticas criativas e enriquecedoras das relações entre pessoas é lutar por novas possibilidades de existir, por novos modos de viver e de se relacionar. Desfazer o sujeito substancial para formular a possibilidade de um processo de subjetivação, prático, coletivo, polifônico que acolha e promova as diferenças.

AS ENTREVISTAS NA RIBEIRA

A cidade capitalista necessita de territórios definidos para que se mantenha em constante controle. É essencial que existam espaços elitizados, marginalizados, de

comércio, bem delimitados para que assim possa existir o controle sobre as pessoas que transitam ali e também sobre o próprio espaço urbano. Entretanto, como afirmam Michael Hardt e Antonio Negri:

A administração das comunicações [...] aparece hoje, mais do que nunca, como prerrogativa soberana. Tudo isso, entretanto, se dissolve no éter. Os sistemas contemporâneos de comunicação não estão subordinados à soberania; ao contrário, a soberania parece estar subordinada às comunicações – ou, efetivamente, a soberania é articulada por meio de sistemas de comunicação. [...] No campo da comunicação, os paradoxos que produzem a dissolução de soberania territorial e/ou nacional são mais claros do que nunca. As capacidades desterritorializantes da comunicação são únicas: a comunicação não é satisfeita limitando-se ou enfraquecendo-se a moderna soberania territorial; em vez disso, ela ataca a própria possibilidade de vincular uma ordem a um espaço. [...]. Aqui chegamos a um limite extremo do processo de dissolução das relações entre ordem e espaço. (Hardt e Negri, 2001, p. 368)

As subjetividades de que falamos aqui surgem desterritorializadas e questionando ordens pré-estabelecidas. São produzidas coletivamente, produzidas pelos afetos - efeitos de um corpo sobre o outro, de modo que esses corpos vão se reconfigurando e se apropriando do território, reterritorializando-se nas afecções que constroem o novo território da Ribeira.

Os relatos dos entrevistados se cruzam nesse ponto. Para Yasmin Rodrigues, 31 anos, professora de artes, “a Ribeira é um lugar muito cultural, principalmente de saídas alternativas, para se comunicar e pensar a cidade”. Para Henrique Fontes, 49 anos, diretor e produtor cultural, o bairro “Tinha uma pulsação e um entendimento de diversidade (...) outro tipo de música, de artista, de pessoas”. Já Frank Aleixo, 32 anos, DJ e Produtor Cultural conta que “A Ribeira sempre teve essa fama de ser um bairro alternativo (...), então amigos meus tinham muito mais liberdade em casa de dizer que estavam indo para a Ribeira, do que pra uma boate gay (...). Era uma forma de viver e, ao mesmo tempo, se proteger através da história do bairro”.

As formas subjetivas como cada um percebe o bairro conversam entre si, já que, como formulado anteriormente, a subjetividade é produzida socialmente.

Fim das relações de complementaridade entre altura e profundidade, reviravolta radical nos conceitos de subjetividade

e de sujeito. Não mais a representação do mundo na consciência de um sujeito autônomo, mas a assunção de uma floresta de objetos e de signos concatenados para formar um gosto, um jeito de vestir, um modo de viver. Não mais falar em sujeito como um être-là, dado a priori, mas em agenciamentos coletivos de enunciação, concerto polifônico de vozes, devires imperceptíveis, mutações afetivas e outras sensibilidades. (Guattari; Rolnik, 1999)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ribeira faz parte do chamado "centro histórico" da capital potiguar. Um centro histórico é um espaço público carregado de significados socioculturais de uma cidade, a região carrega as marcas do tempo e das pessoas que por ali passaram. Compreender a importância desse espaço para uma cidade como Natal, é compreender a sua própria história ao longo dos anos. Entretanto, novos significados podem ser observados por meio do nomadismo cultural e digital insurgente quando observamos a experiência dos meios comunicacionais e das intervenções culturais.

À ideia de um fio condutor histórico, tal como concebida pelo Iluminismo e pelo Positivismo, opõe-se o conceito de nomadismo, que perverte as relações espaciais e temporais com as novas formas de sociabilidade e encontros nesses espaços. Existe uma mudança na própria concepção de espaço. Observa-se fortemente que os fluxos subjetivos presentes no espaço urbano da Ribeira durante o Circuito Cultural determinam o espaço mais como uma experiência a ser vivida ou criada, do que como um elemento pré-determinado.

O espaço não é regado e a rota a ser seguida não é definida. O indivíduo, a partir de sua subjetividade, conversa com o próprio espaço e descobre o que ele pretende fazer ali. Dentro da multiplicidade de atividades culturais do circuito na Ribeira, era quase impensável permanecer em um espaço fixo. Acompanhavam-se, pelo *Instagram* e pelo *WhatsApp*, principais meios de comunicação, os movimentos e atividades que ali aconteciam, permitindo experimentar chorinho, samba, zamberacatu, *techno*, quase que simultaneamente.

Voltar nossos olhos para os novos tempos-espacos da Ribeira, em meio às intervenções culturais que existem no bairro, tentar compreender os novos significados espaço-temporais e as novas subjetividades advindas dessas mudanças, pode ser um trampolim para uma melhor ocupação dos espaços públicos.

Essa perceptível mudança, descrita neste artigo, que abre espaço na sociedade atual, marcada pelas novas tecnologias e pela globalização, para outras tantas grandes mudanças nos modos de pensar e de agir, no modo de conceber saberes e identidades, parece ter na Ribeira, atualmente, um lugar privilegiado de expressão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e TRACY, Kátia Maria de Almeida, **Noites nômades: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**, Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia, vol 5**. São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GUATTARI, F. Da produção de subjetividade. In: **Imagem-máquina**. PARENTE, A. (org). Rio de Janeiro: Editora 34, 1993, p. 177-191.

GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.